

# Arena e MDB mostram candidatos

Os candidatos Pedro Simon (MDB) e Gay da Fonseca (Arena), que concorrem ao Senado pelo Rio Grande do Sul, debateram ontem durante três horas com repórteres políticos do Congresso, aspectos da conjuntura político-econômica brasileira até as possibilidades eleitorais de cada um e os trunfos com que contam para a campanha. O encontro, promovido pelo Clube de Repórteres Políticos de Brasília e Comitê de Imprensa do Senado, através dos presidentes Rubem Azevedo Lima e João Emílio Falcão, inaugura uma série que se estenderá até o dia 21 de setembro envolvendo candidatos de todos os Estados.

Marcado sobretudo pela reafirmação aos princípios partidários, o debate entre os candidatos gaúchos, embora transferindo-se algumas vezes para o campo estadual, limitou-se em sua maior parte à análise do contexto político do País. Enquanto o postulante arenista, apesar de reconhecer muitas falhas a serem corrigidas, apelava para um maior realismo e a criação de uma democracia essencialmente brasileira, Simon observava que um governo revolucionário deve ser de transição, do contrário representa uma subversão do próprio governo.

## SIMON

Ao relacionar as atuais perspectivas eleitorais brasileiras com as de 74, o deputado Pedro Simon acredita que a maior conscientização que o povo demonstra agora irá ajudar à Oposição. "Pela primeira vez, o povo se posiciona de forma vertical, contrário às instituições que aí estão. Os brasileiros já sentiram a ilusão do milagre econômico. Mais esclarecida, a população hoje conhece os problemas do País nos mais diversos setores, principalmente no sócio-econômico. Estas eleições são inéditas pela própria conjuntura do País e demonstrarão mais que qualquer outra a capacidade de resistência de nosso povo".

Considerando a Lei Falcão como um retrocesso político, "maior ainda que a criação do senador biônico e a manutenção das eleições indiretas", o candidato opositor ao Senado acha que este dispositivo favorece o Governo: "O presidente Geisel será responsável perante a História por este retrocesso, que atingiu não só o MDB mas sobretudo o povo brasileiro. Além disso, enquanto nós somos impedidos de utilizar o rádio e a tv, transformados em cinema mudo para não levar aos lares nossa mensagem, o Governo os usa intensamente na propaganda de suas atividades".

A Arena, conforme Simon, vem violentando seu programa ante a vontade do presidente Geisel, que o teria resgado ao fechar o Congresso e editar o pacote de abril. Citando a convenção que escolheu o general Figueiredo candidato como sim-



Dirigidos pela Presidente do Clube de Repórteres Políticos de Brasília, jornalistas Rubem Azevedo Lima, Pedro Simon (E) e Gay da Fonseca (último) debateram situação política. Abdias Silva, outro jornalista, auxiliou nos trabalhos

plesmente homologatória, o deputado gaúcho observou que todo período revolucionário deve ser transitório, "sob pena de transformar-se em subversivo", considerando 14 anos um prazo excessivamente longo.

Ao defender a anistia ampla e irrestrita como instrumento pacificador da família brasileira, Simon reportou-se à política de Duque de Caxias nesse sentido. Explicou ainda a atitude emedebista em permitir eleições indiretas no Rio de Janeiro, o que não vê como incoerência: "O programa do MDB não precisa ser renovado porque não foi violentado. O que fizemos foi transformar a eleição indireta ao governo do Rio de Janeiro em verdadeiro plebiscito, pois o governador só assume se o partido tiver maioria na Assembléia. Quanto ao senador biônico, sou totalmente contra".

Analisando o projeto de reformas do Governo, o candidato gaúcho afirmou temer que os instrumentos de exceção ganhem nova roupagem, sem chegar a ser eliminados: "O AI-5 durou dez anos, mas como exceção. Pior será se as reformas o tornarem legal..." As salvaguardas, por outro lado, foram vistas, como meios de arbitrios do presidente, estranhando que a revogação do pacote de abril não conste do projeto.

Teme ainda Simon que as salvaguardas caiam em mãos erradas, "como as do general Figueiredo, que declarou que, chegando ao Governo, pretende jogar com os políticos e sair de campo com a bola caso não se comportem bem".

## GAY FONSECA

Ao considerar dolorosa a Lei Falcão, o professor Gay Fonseca, candidato arenista ao Senado, acentuou que ela foi provocada pelo abuso na utilização política do rádio e tv. "Nunca devemos esquecer que estamos em ciclo revolucionário e que tudo que se permite é uma concessão, como a legenda e foto dos candidatos na imprensa. Se a Revolução não fez tanto quanto se esperava, por um outro motivo, não se pode negar que foi necessária".

O fenômeno eleitoral de 74, conforme Gay, não se repetirá:

"Em 74, pensamos que o povo tinha entendido o que a Revolução fez em termos de desenvolvimento nos mais diversos setores. Nesta campanha, seremos nós mesmos a levar ao povo gaúcho estas conquistas. As reformas do Presidente Geisel, por exemplo, são um grande argumento no campo político. Na verdade, temos que apelar para a inteligência do povo e não apenas para seu estômago".

Apelando para a criação de uma democracia nossa, Gay afirmou não acreditar em plenitude democrática que não se adapte às peculiaridades nacionais. Condenou ainda o MDB por criticar seu partido ao escolher um general candidato à Presidência por via indireta: "O general de vocês será escolhido da mesma forma que o nosso, com uma única diferença: estão contando com a deslealdade de alguns dos nossos partidários".

Ao posicionar-se contra o processo que se utiliza nas eleições indiretas, o candidato arenista justificou-o pelo ciclo revolucionário que atravessamos, assegurando que as medidas de emergência não ficarão ao arbítrio do Presidente da República, já que serão regulamentadas por lei complementar.

A forma de anistia que está sendo defendida pelo MDB, conforme Gay, não é justa para os que foram punidos injustamente: "Anistia significa perdão. Sou favorável a revisões de todos os processos pelo Judiciário, mas de uma maneira que possa reabilitar a dignidade dos inocentes".

Favorável à candidatura Magalhães Pinto pela Arena até a convenção que escolheu o General Figueiredo, o professor Gay considerou democrático aceitar a decisão da maioria. Por outro lado, vê com um retrocesso político a possibilidade de homens como Leonel Brizola vir a participar da campanha eleitoral deste ano.